Linguagem em (Re)vista, **vol. 10, n. 20. Niterói, jul./dez. 2015**

O USO DO DISCURSO CITADO EM REPORTAGENS SOBRE QUESTÕES INDÍGENAS NA MÍDIA SUL-MATO-GROSSENSE: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA SOB A PERSPECTIVA TEÓRICA BAKHTINIANA

Geraldo José da Silva (UEMS)
gera.silva@terra.com.br

RESUMO

Este artigo consiste na análise de dois textos extraídos de dois jornais *on-line* sul-mato-grossenses, um do jornal *Diário MS* e outro do jornal *Correio do Estado*. As matérias foram veiculadas em 2015 e trazem como tema questões indígenas em Mato Grosso do Sul. Para a análise, adota-se a perspectiva teórica da linguística enunciativa, sob a ótica bakhtiniana com ênfase no dialogismo e na interação verbal. Objetiva-se analisar, linguístico-enunciativamente, o uso do discurso citado/de outrem na elaboração de narrativas jornalísticas e os efeitos de sentido que este recurso linguístico-discursivo pode produzir no leitor/interlocutor. Como critério avaliativo, considera-se o uso do discurso citado na composição global dos textos. Os resultados mostram que o discurso citado é constitutivo nesse gênero textual e serve ao locutor/repórter como âncora, para imprimir grau de verdade sobre o que é informado e, ao mesmo tempo, como tentativa de isenção frente ao dito alheio.

Palavras-chave: Questão indígena.
Texto jornalístico. Discurso citado. Enunciação. Bakhtin

1. Introdução

A questão indígena ocupou e ocupa espaço na mídia nacional e regional. A história tem registrado uma série de conflitos que envolvem a questão da terra, da educação e da saúde nas comunidades indígenas no país. No Mato Grosso do Sul, vive uma população indígena significativa. Em algumas comunidades a realidade tem apresentado alguns avanços como a educação bilíngue, cotas indígenas nas universidades públicas, parque olímpico indígena, mas isso não tem sido suficiente para que a justiça social aconteça plenamente nas aldeias.

Considerando que o jornal fala do mundo, no mundo e para o mundo, entra em cena a mídia com o propósito de investigar e manter a sociedade informada sobre os fatos. É inegável a força persuasiva que a mídia pode exercer sobre os leitores e, dessa forma, assume papel de formadora de opinião. Neste trabalho, a causa indígena tratada pelos jornais *Diário MS Online* e *Correio do Estado Online* tem nas notícias e reportagens o *locus* em que as vozes dos atores sociais se representam por meio do discurso citado, diluído em discurso direto e discurso indireto. Este recurso linguístico-discursivo serve ao locutor como âncora persuasiva na elaboração das matérias. Não nos interessa discutir parcialidade ou imparcialidade jornalística, uma vez que essa questão é relativa na própria literatura que trata da redação jornalística.[5]

Ressaltamos que nosso intuito é estritamente fazer um estudo linguístico-enunciativo, sob a ótica bakhtiniana, de um texto do jornal *Diário MS* e outro do jornal *Correio do Estado*, veiculados em 2015. A opção por esses jornais justifica-se pelo valor sócio-histórico e pela abrangência com que esses por-

[5] Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível (NMR, 2001, p. 45).

tadores se situam no contexto midiático regional e nacional, uma vez que, na mídia *online* não há fronteiras. Para atingirmos nosso objetivo, fez-se necessário um percurso metodológico. Em primeira instância, buscamos subsídios teóricos embasados nos estudos de Bakhtin sobre o discurso citado/de outrem. Em segundo momento, faz-se a análise do *corpus* ilustrativo e, posteriormente, tem-se as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

Numa sociedade, os pontos de vista sobre temas polêmicos levam em conta interesses de grupos sociais distintos. Nesta perspectiva, o texto oral e/ou escrito serve de base para que se registrem os posicionamentos dos atores sociais sobre questões geradas no seio da sociedade. Cada vez mais, o discurso jornalístico se apresenta como uma espécie de saber explicativo dos processos sociais. Assim, o jornal se lança numa fascinante batalha pela conquista de seus leitores. A arma dessa batalha é a palavra seja escrita ou oral. A esse respeito vale lembrar o que nos diz Bakhtin/Volochínov (2004, p. 113):

> toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte.

Nota-se que a palavra sempre carrega um conteúdo, um sentido ideológico ou vivencial. Destacando o valor da palavra, não só no aspecto morfológico, mas também sintático-semântico-discursivo, fazer uma leitura reflexiva envolvendo aspectos linguístico-enunciativos é de fundamental relevância para um leitor.

Diante disso, buscamos em Bakhtin (2004; 2010a; 2010b) subsídio teórico ressaltando o uso do discurso citado no gênero jornalístico na arquitetura de textos informativos veiculados nos jornais *on-line Correio do Estado* e *Diário MS*,

sendo o primeiro com sede em Campo Grande e o segundo em Dourados, em Mato Grosso do Sul. O tema eleito para a composição do *corpus* demonstrativo verte sobre questões indígenas no Estado já mencionado. Como é sabido, o assunto é polêmico e passível de uma análise sob a ótica enunciativa bakhtiniana. Devido à gama de possibilidades e estudos do teórico russo, nos restringimos a tratar do discurso citado na construção da narrativa jornalística, especificamente, notícia e reportagem. Considerando a perspectiva enunciativa da linguagem, língua em uso, nos interessa verificar o papel do locutor/repórter quanto ao uso do discurso citado na elaboração das matérias.

O fato de a narrativa jornalística comportar diferentes pontos de vista sobre uma dada questão sugere que o locutor/repórter faça um crivo do que dizer/falar/escrever. Isso faz com que se leve em conta a interação social (locutor/interlocutor). Em Bakhtin/Volochínov (2004), a enunciação é essencialmente produto da interação social, como fica registrado nas palavras dos autores:

> O centro organizador de toda a enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. [...] A enunciação enquanto tal é um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das conjunções de vida de uma determinada comunidade. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV (2004, p. 121).

Sobre a enunciação (oral ou escrita), Bakhtin/Volochínov (2004, p. 123) acrescentam que

> o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.

Em Bakhtin (2010b, p. 214), tem-se que numa narrativa literária ocorre dois discursos, um do narrador e outro da personagem, tido como discurso do outro e este é organizado sob

a intenção do autor. Esse pressuposto nos permite inferir que tanto o autor (narrativa literária) quanto o locutor/repórter (texto informativo) trabalha/utiliza o discurso do outro a seu favor. Isto posto, sentimos a necessidade do excerto, a seguir, por considerá-lo sumarizador sobre a questão do discurso do outro na enunciação, conforme Bakhtin (2010b, p. 223):

> As palavras do outro, introduzidas em nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais. A única que pode diferenciar-se é a relação de reciprocidade entre essas duas vozes. A transmissão da afirmação do outro em forma de pergunta já leva a um atrito entre duas interpretações numa só palavra, tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro. O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas.

Como se vê, em nossos discursos estão imbricados diversos pontos de vista, considerando nossa história sócio-político-ideológica. Dessa forma, quando se estuda o enunciado é perceptível os ecos discursivos nele existentes em situação de comunicação, seja escrita ou oral. A esse respeito, o autor argumenta que:

> O discurso do outro, desse modo, tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso. [...] é citado textualmente e destacado com nitidez (entre aspas): os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e das suas múltiplas relações dialógicas aqui se ouvem nitidamente. (BAKHTIN, 2010a, p. 299).

Levando em conta que todo enunciado é produzido para alguém, esse alguém passa a constituir-se parte importante na produção de efeitos de sentido intencionados pelo locutor no interlocutor no processo enunciativo. Neste processo entra em cena a interação verbal e dialógica da linguagem. Nesta esteira de discussão, por uma questão linguístico-enunciativo-discur-

siva, o uso do discurso citado é estruturante, também, no gênero narrativo jornalístico.

O texto jornalístico é tido como um enunciado e, com isso, aspectos ligados ao dialogismo e à interação verbal assumem relevância teórica na análise pretendida. Partindo da premissa de que o signo e a enunciação são de natureza social e que a ideologia é veiculada pela linguagem, vemos em Bakhtin/Volochínov (2004, p. 14-15) que

> a palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem.

Na concepção dos autores, todo signo é ideológico e a ideologia reflete as estruturas sociais.

Os autores, discorrendo sobre o discurso escrito, afirmam que

> O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 123)

Na relação entre locutor e interlocutor há que se considerar que a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. A esse respeito, os autores asseveram que:

> Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte entre mim e os outros. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 113).

Considerando a heterogeneidade textual, Bakhtin (2010a) admite que, no mundo contemporâneo, é impossível

assumir uma verdade absoluta e vê na citação uma forma de âncora na articulação discursivo-enunciativa. Bakhtin/Volochínov (2004, p. 144-145) asseveram que o discurso de outrem se constitui mais do que o tema do discurso, visto que ele entra na construção sintática do discurso e é tido como uma unidade integral dessa construção. Acrescentam, ainda, que o discurso citado conserva autonomia estrutural e semântica sem alterar a trama linguística do contexto que o integrou. A esse respeito, alertam que "a enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, [...]". Nesta esteira de reflexão, os autores ressaltam que no discurso citado e no contexto narrativo há relações dinâmicas e tensas, conforme citação: "toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica etc.". (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p. 146).

Ampliando a reflexão sobre o discurso de outrem, Bakhtin/Volochínov (2004, p. 161-162), mencionam que a tendência analítica do discurso indireto pode tomar duas variantes. A primeira, discurso indireto analisador de conteúdo, possibilita réplica e comentário no contexto narrativo e, ao mesmo tempo, mantém distância entre a voz citante e a voz citada. A segunda, discurso indireto analisador da expressão, integra à construção indireta as palavras e as maneiras de dizer do discurso de outrem de forma que seu caráter subjetivo fique perceptível, sendo colocadas entre aspas na maioria das vezes.

Em síntese, o discurso citado apresenta a voz alheia, via discurso direto e discurso indireto. No discurso direto, o locutor traz o dito alheio para a narrativa, seja literária ou jornalística, com o propósito de imprimir crédito ao que está sendo transmitido. O fato de içar a voz do outro para o texto, tal qual foi dita, dá ao locutor a sensação de isenção, uma vez que "quem diz isso é o outro e não ele". Já o discurso indireto de-

sempenha função semântica de uma possível síntese/tradução do dito alheio que é incorporado à narrativa.

Diante do exposto, Silva (2014) ressalta que o discurso citado, em Bakhtin, vai além das regras meramente gramaticais, pois o aspecto discursivo-ideológico é presentificado nesse tipo de discurso. Nesta perspectiva, uma palavra, bem como um conjunto delas, constituindo um enunciado, assume papel dialógico. Para Bakhtin, a palavra quer ser ouvida, respondida e, por isso, é um elemento que carrega certa tensão em uso efetivo na enunciação, falada ou escrita.

3. Apresentação do corpus

Este trabalho consiste na análise de dois textos, um extraído do jornal *Correio do Estado*, intitulado "Índios e fazendeiros entram em conflito em fazenda em Mato Grosso do Sul", de 25 de junho de 2015, 17h03. A reportagem relata o conflito agrário entre fazendeiros e indígenas em uma fazenda situada no município de Coronel Sapucaia-MS. O outro texto é extraído do jornal *Diário MS*, intitulado "Índios denunciam desaparecimentos durante conflito em fazenda de MS", de 2 de julho de 2015, 09h54. A matéria trata do mesmo episódio ocorrido na mesma fazenda e município aqui mencionados. Vale ressaltar que esses jornais são representativos e acompanham os fatos em todo o estado de Mato Grosso do Sul.

3.1. Texto 1 – *Jornal Correio do Estado on-line*

"Índios e fazendeiros entram em conflito em fazenda em Mato Grosso do Sul", de 25 de junho de 2015, 17h03.

Confronto ocorreu na fazenda ocupada por índios na última segunda-feira (22)

(§1º) Índios e produtores rurais enfrentaram-se ontem (24) em uma fazenda de Coronel Sapucaia, em Mato Grosso do Sul, a cerca de 180 quilômetros de Dourados, no sudoeste do estado. O confronto ocorreu na fazenda ocupada por índios guarani e kaiowá na última segunda-feira (22).

(§2º) Dirigindo caminhonetes e picapes, um grupo de não índios tentou desocupar a fazenda Madama sem uma decisão judicial ou apoio policial. Enquanto os motoristas ameaçavam lançar os veículos contra os índios, estes resistiam lançando pedras, paus e flechas. Não há, até o momento, registro de feridos, mas os índios afirmam que, na confusão, uma mulher e duas crianças fugiram e ainda não voltaram para o acampamento.

(§3º) O conflito foi acompanhado a distância por agentes do Departamento de Operações de Fronteira (DOF) e da Polícia Civil, que não conseguiram evitar a entrada dos produtores rurais na fazenda. Segundo o assessor de comunicação do DOF, sargento Júlio Cesar Teles Arguelho, os quatro policiais do departamento estavam no local desde o início da manhã apenas para ajudar na retirada do gado e de bens do proprietário da fazenda ocupada. Por volta do meio-dia, a guarnição foi surpreendida pela chegada de uma carreata com dezenas de veículos.

(§4º) "Os policiais orientaram o grupo a não entrar na área para fazer a retomada, até porque o efetivo era insuficiente para garantir a segurança de todos", disse o sargento à Agência Brasil. Como a atribuição de agir em conflitos indígenas é da Polícia Federal (PF), o efetivo era insuficiente para qualquer ação repressiva, os agentes do DOF retiraram-se do local.

(§5º) Segundo líderes indígenas, a ocupação da fazenda Madama foi a forma encontrada para retomar e pressionar o Poder Público a reconhecer a área como parte de um território ancestral indígena. As tentativas de se fixar na área intensificaram-se nos últimos seis ou sete anos. Três índios morreram entre 2007 e 2009 em conflitos relacionados à disputa fundiária.

(§6º) Procurada, a Funai informou que está acompanhando o caso e que órgãos como o Ministério Público Federal e a Polícia Federal estão à frente das negociações.

(§7º) Os guaranis e kaiowás alegam que uma área no interior da fazenda Madama é território sagrado indígena, o chamado Kurusu Ambá, assim como outras áreas reivindicadas pelas etnias.

(§8º) Em outubro de 2012, ao comentar a tensão entre fazendeiros e índios, a Funai divulgou nota dizendo-se impedida de prosseguir com o processo de reconhecimento de Kurusu Ambá e de outras áreas reivindicadas pelos guarani e kaiowá em Mato Grosso do Sul, em virtude de elas serem alvo de medidas judiciais impetradas por fazendeiros. Na ocasião, a Funai disse confiar que as decisões do Poder Judiciário "reconhecessem e reafirmassem o direito dos povos indígenas as suas terras de ocupação tradicional".

(§9º) A reação dos fazendeiros à ocupação da fazenda ocorreu após uma reunião no Sindicato Rural de Amambai. Cerca de 150 proprietários rurais discutiram a ocupação, em todo o estado, de terras que consideram produtivas. Segundo a Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul, 89 propriedades estão ocupadas por índios – algumas há mais de uma década. Além da fazenda Madama, duas áreas foram tomadas em Aral Moreira.

(§10º) Durante o encontro, o presidente da federação, Nilton Pickler, recomendou que os produtores se unam para pressionar o governo federal a "definir a situação das áreas invadidas no estado". "Nós nos colocamos à disposição de todos os que passam por este momento tão difícil, mas entendemos que é necessário buscar os caminhos jurídicos", declarou Pickler. Disponível em: www.correiodoestado.com.br. Acesso em: 05-07-2015

3.2. Texto 2 – *Jornal Diário MS on-line*

"Índios denunciam desaparecimentos durante conflito em fazenda de MS", de 2 de julho de 2015, 09h54

(§1º) Índios denunciaram à polícia o sumiço de um adolescente de 14 anos e de uma criança de 12, durante conflito na fazenda Madama, em Coronel Sapucaia, a 377 quilômetros de Campo Grande, no dia 24 de junho.

(§2º) Segundo informações do boletim de ocorrência registrado dia 30 como desaparecimento de pessoa, os dois indígenas não são mais vistos desde a data do conflito entre índios e fazendeiros. Ambos são nascidos na aldeia Taquaperi.

(§3º) Em nota divulgada semana passada pela Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), o pre-

sidente Nilton Pickler disse que a instituição vem trabalhando para buscar a pacificação e a integração social entre índios e produtores. "A federação tem atuado no sentido de orientar os produtores a buscar a justiça e sempre evitar a violência", declarou.

(§4º) Conforme o registro policial, após os relatos de desaparecimento, uma equipe da Fundação Nacional do Índio (Funai), Força Nacional de Segurança Pública, o proprietário da fazenda e outros pecuaristas da região procuraram pelos indígenas na propriedade rural e também nas pastagens ao fundo do local e nas proximidades de uma lagoa.

(§5º) Consta no documento policial que diante do "estado de comoção do grupo indígena", a Funai decidiu levar a denúncia dos índios ao conhecimento da Polícia Civil. Diante disso, foi registrado o boletim de ocorrência.

Conflito

(§6º) Cerca de 50 guarani kaiowá entraram na fazenda Madama na segunda-feira (22). Na quarta-feira (24), produtores rurais entraram no local com caminhonetes e fizeram buzinaço e manobras perigosas. Os índios reagiram com paus e flechas.

(§7º) De longe, era possível ver fogo no acampamento dos índios. Foram ouvidos disparos de arma de fogo,

(§8º) Depois disso, os índios saíram do local. A Polícia Rodoviária Federal (PRF), Funai, Ministério Público Federal (MPF) e o presidente da Comissão de Direitos Humanos, da Câmara Federal, deputado Paulo Pimenta (PT) estiveram na fazenda e conversaram com os dois lados envolvidos no conflito.

(§9º) A Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp) pediu a Força Nacional de Segurança Pública na região por conta dos conflitos. Os policiais chegaram sábado (27) e desde então reforçam a segurança. (G1 MS)

Disponível em: <www.diarioms.com.br>. Acesso em: 05-07-2015.

4. Metodologia e análise do corpus

Os textos em análise abordam o mesmo tema/fato a partir de dois portadores midiáticos de Mato Grosso do Sul, sendo um da capital, Campo Grande, e outro do interior, Dourados. O gênero textual escolhido caracteriza-se como reportagem com veiculação em 2015. A temática eleita trata sobre questões indígenas no Estado. A opção pelo gênero textual jornalístico se dá pela possibilidade de ele comportar as vozes citante e citada na confecção das matérias. Como critério avaliativo, considera-se o uso do discurso citado na composição global dos textos. A análise é apresentada em dois momentos: primeiro, em uma reportagem do *Correio do Estado* e, em seguida, em uma reportagem do *Diário MS*.

4.1. Análise do texto 1 – *jornal Correio do Estado online*

O texto "Índios e fazendeiros entram em conflito em fazenda em Mato Grosso do Sul", de 25 de junho de 2015, 17h03 é composto de 10 parágrafos. O título é uma declaração afirmativa sobre o conflito entre índios e fazendeiros em fazenda de Mato Grosso do Sul. A forma verbal “entram”, no presente do indicativo, sugere que o aspecto verbal utilizado demonstra que a causa do conflito não é pontual e sim recorrente na região. Vale destacar a diluição da informação contida no título em um período que funciona como subtítulo “Confronto ocorreu na fazenda ocupada por índios na última segunda-feira (22)”. O fato de a matéria ser veiculada no dia 25 de junho de 2015 requer do leitor um saber partilhado, uma vez que o confronto ocorreu no dia 24 do mesmo mês e ano. A omissão do fato registrado com o verbo "ocorrer" no pretérito perfeito do indicativo e a possível causa do conflito constitu-em-se em uma forma de vocativo ao leitor para a leitura da matéria em pauta.

O uso da preposição "em" nas expressões "em conflito", "em fazenda", "em Mato Grosso do Sul" permite inferir uma leitura generalizante e que toma corpo no período seguinte, deslocado do título, como complemento da mensagem. Após atenção dada ao título da reportagem, passamos a análise global da matéria.

No parágrafo 1, do ponto de vista de uma leitura linear, temos elementos do *lead* como: o quê? (índios e produtores rurais enfrentaram-se), quando? (ontem [24]), onde? (em uma fazenda de Coronel Sapucaia, em Mato Grosso do Sul) e por quê? (fazenda ocupada por índios guarani e kaiowá na última segunda-feira (22). Vê-se que o locutor apresenta o assunto situando o leitor sobre a mensagem que será expandida no texto. No primeiro período do parágrafo, cria-se uma cena de ação recíproca de enfrentamento dos sujeitos envolvidos na questão: “Índios e produtores rurais enfrentaram-se”. O segundo período do parágrafo é declarativo afirmativo e sintetiza o fato ocorrido com o sintagma “confronto”.

O locutor, no segundo parágrafo, de forma sucinta, detalha o confronto entre as partes mostrando um jogo de forças desproporcional. De um lado, um grupo de não índios dirigindo caminhonetes e picapes avançam em direção aos índios. De outro, índios resistem lançando pedras, paus e flechas. O uso dos verbos no gerúndio "dirigindo" e "lançando" produz no leitor uma sensação de mobilidade e tensão instaladas nas atitudes de ambas as partes. Com a expressão “não há, até o momento, registros de feridos” procura estabelecer uma certa estabilidade tensiva no texto. Mesmo assim, o uso do discurso indireto, "mas os índios afirmam que, na confusão, uma mulher e duas crianças fugiram e ainda não voltaram para o acampamento" deixa transparecer que a tensão continua no local.

No terceiro parágrafo, o locutor faz uma narrativa-descritiva do local e informa ao leitor a ruptura da ordem tem-

porariamente estabelecida pelos órgãos de segurança pública estadual.

O locutor, no primeiro período do quarto parágrafo, iça o dito alheio, via discurso direto, para dar crédito ao que está sendo informado.

O quinto parágrafo é modalizado em discurso segundo e cita a voz das lideranças indígenas envolvidas no conflito. O locutor sumariza a intenção dos índios que viram na ocupação da fazenda uma forma de pressionar o governo no que tange à demarcação das terras indígenas na região.

No sexto parágrafo, temos um período declarativo que se estrutura em discurso indireto: "procurada, a Funai informou que está acompanhando o caso e que órgãos como o Ministério Público Federal e a Polícia Federal estão à frente das negociações". O locutor traz o uso do verbo no gerúndio que corrobora a inferência de que o conflito é contínuo e a falta de uma política eficaz sobre a questão fundiária no país e no Mato Grosso do Sul carece de decisões e soluções urgentes.

O sétimo parágrafo traz a ocorrência de discurso indireto, ocasião em que o locutor traduz o ponto de vista dos indígenas guarani e kaiowá que defendem a ideia de que uma parte da área em questão é território sagrado. O uso da forma verbal "alegam" verbo de defesa imprime força discursiva em torno das reivindicações dos índios.

No oitavo parágrafo, o locutor apresenta a voz da Funai que aguarda respostas do poder constituído em busca de solução para o problema da demarcação de terras indígenas em Mato Grosso do Sul. Conclui o parágrafo usando discurso indireto analisador de conteúdo "Na ocasião, a Funai disse confiar que as decisões do Poder Judiciário 'reconhecessem e reafirmassem o direito dos povos indígenas as suas terras de ocupação tradicional'".

O locutor, no nono parágrafo, apresenta o contraponto da questão, ou seja, os fazendeiros também esperam do poder constituído uma solução para o problema instalado em todo o Estado de Mato Grosso do Sul.

O décimo parágrafo apresenta a ocorrência de discurso indireto e direto, ocasião em que o locutor traz o ponto de vista do presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul que convoca os associados a pressionar o governo federal e, também, sugere a busca de solução jurídica para a causa.

Enfim, o texto traz a voz dos índios vitimados e requerentes de seus direitos à terra nos parágrafos 2, 5, 6, 7 e 8. Por outro lado, há o registro do ponto de vista dos fazendeiros, na voz do presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul, nos parágrafos 9 e 10.

4.2. Análise do texto 2 – *Jornal Diário MS online*

O texto "Índios denunciam desaparecimentos durante conflito em fazenda de MS", de 2 de julho de 2015, 09h54, relata a denúncia de índios sobre desaparecimentos durante conflito em fazenda de Mato Grosso do Sul. Em linhas gerais, tem-se uma retomada das informações constantes no texto 1. Trata-se do enfrentamento entre índios e fazendeiros na fazenda Madama, em Coronel Sapucaia, ocorrido em 24 de junho de 2015.

O título é uma declaração impactante, principalmente pelo uso dos sintagmas “denunciam”, “desaparecimentos” e “conflitos”. A forma verbal "denunciam" assume valor semântico de acusar, indicar uma infração e que exige investigação e apuração dos fatos. O substantivo deverbal "desaparecimentos" implica ato findo, subtração de algo o que também sugere busca, procura, investigação das causas do fato. O substantivo "conflito" indica desentendimento, ponto de vista opostos.

Como se vê, os três sintagmas cumprem o papel de provocar no leitor uma expectativa em ler a matéria anunciada.

Passamos à análise ampla do texto, atentando ao uso do discurso citado/de outrem na elaboração da reportagem.

O texto é composto de nove parágrafos. Em linhas gerais, o texto menciona o fato de os índios denunciarem o desaparecimento de um adolescente e uma criança, durante o conflito ocorrido em 24 de junho de 2015, em uma fazenda em Mato Grosso do Sul. Sua organização paragrafaçal se assemelha a de um boletim de ocorrência.

O primeiro parágrafo apresenta informes pertinentes de um *lead*, a saber: o quê? (Índios denunciaram à polícia o sumiço de um adolescente e de uma criança de 12), quando? (durante conflito), onde? (na fazenda Madama, em Coronel Sapucaia, a 377 quilômetros de Campo Grande, no dia 24 de junho).

O locutor inicia o segundo parágrafo em discurso segundo. As informações advêm de um boletim de ocorrência registrando o desaparecimento de pessoa, dois indígenas, desde o conflito ocorrido no dia 24 de junho de 2015, na fazenda Madama, em Coronel Sapucaia-MS. O parágrafo é escrito de forma impessoal.

O terceiro parágrafo apresenta a atitude do presidente da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (FAMASUL) que declara, via discurso indireto, seu empenho para a pacificação entre índios e produtores. O parágrafo é concluído com discurso direto: “A federação tem atuado no sentido de orientar os produtores a busca a justiça e sempre evitar a violência”, declarou. O uso verbo *dicendi* "declarou" expressa grau de verdade do dito alheio trazido para o texto.

No quarto parágrafo, tem-se que o fato do desaparecimento dos indígenas mobilizou vários representantes dos envolvidos na causa na busca dos desaparecidos. O locutor utili-

za a modalidade de discurso segundo a partir de um registro policial como fonte das informações.

O quinto parágrafo apresenta certa tensão discursiva com o registro da comoção dos índios. Com isso, a Funai decide levar a denúncia dos índios à Polícia Civil. Neste parágrafo, vale registrar o uso de aspas com o intuito de destacar a informação "estado de comoção do grupo indígena". Este recurso linguístico instala um apelo ao leitor para a leitura atenta da matéria.

O locutor, no sexto parágrafo, faz menção ao conflito e destaca o jogo das forças em defesa de seus direitos. De um lado, produtores rurais entraram no local motorizados, fazendo buzinaço e manobras perigosas. De outro, índios reagem com paus e flechas.

O sétimo parágrafo compõe-se de dois períodos curtos e descritivos. As informações contidas no parágrafo sugerem alto grau de tensão (fogo no acampamento dos índios e disparos de arma de fogo).

No oitavo parágrafo, tem-se o relato de que, depois do conflito, os índios deixam o local e a Polícia Rodoviária Federal, Funai, Ministério Público Federal e o deputado Paulo Pimenta estiveram na fazenda e conversaram com os envolvidos no conflito.

O locutor finaliza o texto, com o nono parágrafo, destacando a solicitação da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP) a Força Nacional de Segurança Pública na região.

Em resumo, o texto apresenta informações pontuais sobre o conflito com poucas declarações de cunho pessoal representadas. O locutor (o próprio jornal) utiliza as pessoas jurídicas para mostrar as posições acerca da causa indígena na região.

4.3. Uma leitura em contraponto

Ambos os textos abordam o mesmo tema/fato. No texto 1, tem-se a presença mais nítida dos pontos de vista sobre o conflito ocorrido na região. Nota-se que o locutor explora mais declaradamente o uso do discurso citado na elaboração da matéria. Mesmo sendo um jornal com sede na capital do Estado, demonstra maior apuro dos fatos.

O texto 2 retoma o episódio acontecido na fazenda Madama, em Coronel Sapucaia – MS, a partir de documentos como boletim de ocorrência e trabalha sobre esses dados. O uso do discurso citado/de outrem nesse texto aparece com menor frequência, mas nem por isso deixa de trazer os pontos de vista dos envolvidos na questão. O texto circunstancia o fato nos cinco primeiros parágrafos e passa a descrever o conflito, propriamente dito, do sexto ao nono parágrafo.

Considerando a perspectiva teórica adotada para esta análise, fica evidente que a interação verbal, sob a ótica bakhtiniana se plenifica nos textos analisados, uma vez que, o texto jornalístico, como enunciado, contempla a premissa de que a razão primeira dos enunciados é que eles provêm de alguém e são dirigidos para alguém. A enunciação assume essa dinâmica interlocutiva. No caso do texto jornalístico, o locutor/repórter de um lado e de outro o interlocutor/leitor.

Quanto ao aspecto dialógico bakhtiniano, o texto jornalístico é muito produtivo por comportar as diversas vozes sociais, ou seja, posicionamentos distintos sobre temas do cotidiano dos sujeitos sócio-historicamente situados e organizados.

5. *Considerações finais*

A análise dos textos permitiu observar que o locutor/repórter, tendo ao seu dispor o discurso citado/de outrem, articula os recursos linguísticos de forma que consegue manter

a atenção do interlocutor/leitor frente à temática noticiada. Nota-se que a interação verbal, apontada por Bakhtin, se presentifica na enunciação jornalística, visto que os enunciados são produzidos em função do outro. É sabido que no processo enunciativo o outro constitui o eu enunciador. O enunciado provém de alguém e é destinado a alguém. Outro fator importante percebido nas narrativas jornalísticas analisadas é o aspecto dialógico bakhtiniano que permeia os enunciados. Como o texto jornalístico comporta várias vozes em torno de uma dada questão, seja de cunho individual ou coletiva, ele acomoda outros discursos.

Como se vê, os textos de circulação social, principalmente notícias e reportagens, comportam a análise linguístico-enunciativa sob a perspectiva teórica bakhtiniana. As matérias analisadas dão conta de que o locutor, ao elaborar os textos, lança mão do discurso citado como álibi/avalização para dizer/escrever o que diz/escreve. Nosso objetivo foi alcançado, uma vez que o discurso citado tem funcionamento específico na escritura jornalística, servindo ora para imprimir crédito ao informado ao leitor ora como tentativa de isenção frente ao dito alheio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. Trad.: M. Lahud e Y. E. Viera. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* Trad. e intr.: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOLHA de S. Paulo. *Novo manual de redação*. São Paulo, 2001.

CORREIO do Estado [*on-line*]. Disponível em: <www.correiodoestado.com.br>. Acesso em: 05-07-2015.

DIARIO MS [*on-line*]. Disponível em: <www.diarioms.com.br>. Acesso em: 05-07-2015.

SILVA, Geraldo José da. *O uso do discurso de outrem como marca de parcialidade no texto jornalístico informativo*: uma abordagem enunciativa. 2014. 302 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.